

Fim-de-Semana

MÁRIO NDULO

Figura enigmática do Huambo

É o exemplo claro de que “não se deve julgar o livro pela capa”. Mário Ndulo, para lá da sua aparência, é detentor de uma inteligência que desconcerta qualquer um



EDIÇÕES NOVEMBRO

Horóscopo



Carneiro de 21/03 a 20/04

Carneiro, esteja atento a tudo o que demanda planeamento e pensamento de longo prazo. É um momento poderoso para reflectir sobre aprendizados e sobre a sua carreira. Para onde e como você quer crescer? Seja firme nos seus propósitos, sem perder o jogo de cintura.



Touro de 21/04 a 20/05

Saiba ver e rever planos, aplanando a sua capacidade de aprender no longo prazo. Consolide conteúdos internamente e esteja aberto à opinião e à visão de quem está de fora. Aproveite também para cultivar boas amizades e alianças para a sua vida pessoal e também para a profissional.



Gémeos de 21/05 a 20/06

A semana promete muitas novidades. O importante é você saber lidar com as mudanças ap mesmo tempo em que se planeja para o futuro. Seja firme naquilo que pretende empreender, mas procure dividir com sabedoria as decisões importantes para a sua vida.



Caranguejo de 21/06 a 21/07

A semana promete muita intensidade para você! Tenha mais paciência e tolerância com a sua família e mantenha o bom humor na hora de lidar com as pessoas à sua volta. Cuidado com a nostalgia: é importante aprender com o passado, mas é fundamental pensar no futuro.



Leão de 22/07 a 22/08

Saiba viver o hoje, leonino. É importante estar atento à sua rotina e ao seu dia a dia para poder se organizar para o que está por vir. Também procure equilibrar a sua vida para dar o devido valor ao trabalho: não trabalhe demais, mas também não deixe nada de importante para trás.



Virgem de 23/08 a 22/09

O momento pede para você honrar mais os seus desejos e vontades, sem que isso signifique negligenciar as suas responsabilidades. Se alguma paixão ou conquista aparecer do passado, vale a pena reflectir o quanto isso ainda cabe na sua vida no contexto actual.



Balança de 23/09 a 22/10

A semana traz sociabilidade, embora você ainda possa sentir um pouco de excesso de cobranças externas. Aproveite o momento junto à família e a pessoas queridas para estabelecer laços de fraternidade. Esteja com amigos e pessoas que entendam bem o que você está sentindo. Seja espontâneo.



Escorpião de 23/10 a 21/11

Aproveite o momento de descanso para arejar as ideias. Cuidado com a impulsividade. O astral é de muita intensidade e você parece querer colocar para fora tudo o que está sentindo de uma vez só. Procure falar o que pensa sem sucumbir aos excessos.



Sagitário de 22/11 a 21/12

Esteja atento à possibilidade de oscilações de humor por esses dias. É hora de construir o futuro. A sua cabeça está cheia de planos e ideias, mas você precisa manter os pés no chão. Cuidado com sonhos e ideais muito altos, pois você precisa visualizar os recursos que serão necessários à sua conquista.



Capricórnio de 22/12 a 20/01

É hora de celebrar o seu aniversário e o início de mais um ciclo na sua vida, que promete ser bem diferente e de extrema importância para o seu futuro. O Sol está passando pelo seu signo! Planeie bem, sem fugir das responsabilidades, mas não deixe de reservar um momento para o seu lazer e diversão.



Aquário de 21/01 a 19/02

Esteja preparado para surpresas! O astral favorece um extremo mergulho no seu universo interior. O momento é muito favorável para os cuidados com a sua espiritualidade e também para o cultivo de relações profundas.



Peixes de 20/02 a 20/03

Saiba aplicar a intuição para escolher as melhores companhias nos momentos mais importantes. A semana é positiva para reunir as pessoas e celebrar as festas em boa companhia. É também um momento de estar atento aos seus projectos futuros, já que boas ideias podem surgir por esses dias.

País



Lagoa de Ibéndua

A Lagoa de Ibéndua, a 30 quilómetros da cidade de Caxito, a capital da província do Bengo, forma a partir do museu da antiga Fazenda Tentativa, um grande e em formato semi círculo que quase envolve a comunidade local. A lagoa é de água límpida, produzindo ondas constantes, mas de pequena dimensão. Uma mancha verde formada por tufos diminui a visibilidade aquática. Actualmente, parte da lagoa, sobretudo as margens, está preenchida de vegetação, lavras, quintas, um misto que simboliza a importância dela quanto à vida.

Fazem anos esta semana

Justino Handanga

Músico e compositor Justino Handanga, nasceu na comuna do Luvemba, no Bailundo, Huambo, no dia 1 de Janeiro de 1969. Handanga é um dos músicos mais conceituados do Planalto Central. Em 2011 dedicou uma das músicas a Valentim Amões. Dono de um respeitável "currículo artístico" consta na galeria de distinções do Angola Music Awards, desde 2013, ano em que recebeu o Prémio Nacional de Cultura e Artes.



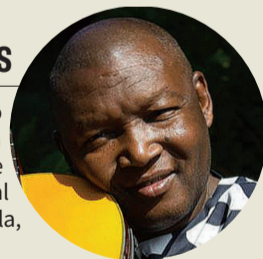
Arsénio Bravo



Funcionário da Edições Novembro, detentora do *Jornal de Angola*, Arsénio Bravo está colocado na área de estatística, que responde pelo controlo da produção editorial nas diferentes partes do território nacional. Jovem dinâmico e bastante atento, Arsénio Bravo nasceu no dia 29 de Dezembro, no município do Cazenga, em Luanda.

Cândido Ananás

Natural do Namibe, o músico Cândido Ananás nasceu no dia 29 de Dezembro. Começou a carreira em 1985, altura em que era militar das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA). Participou no primeiro festival da canção dos trabalhadores, em 1986, na cidade de Benguela, do qual saiu vencedor com o tema "Belezas naturais".



Daniel Bento



Funcionário da área de secretariado de redacção do *Jornal de Angola*, Daniel Bento nasceu no dia 30 de Dezembro. Jovem, dinâmico e pontual, o mano Dany, como é carinhosamente chamado pelos colegas de trabalho, é das figuras que tem a responsabilidade de velar pelo andamento do serviço de reportagem do JA.

Diogo Fonseca

Oficial das Forças Armadas Angolanas (FAA), colocado na área da Marinha de Guerra Nacional (MGA), nasceu no distrito urbano da Samba, província de Luanda, no dia 1 de Janeiro. Diogo Fonseca como militar da Marinha de Guerra destacado no Lobito, já cumpriu missão na Catumbela, Namibe e Cabinda.



Saiba

Monte Everest

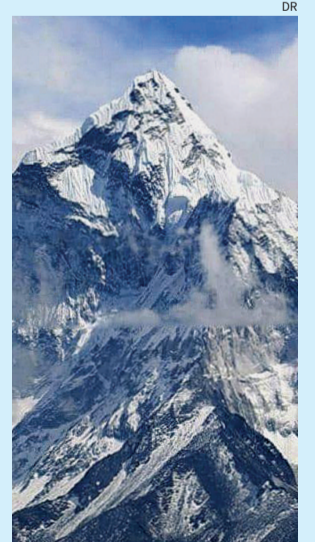
O Monte Everest, ponto mais alto do mundo em relação ao nível do mar, é também um dos principais pontos turísticos do planeta. O Monte Everest é constituído o ponto mais alto do mundo, com 8.848 metros de altura em relação ao nível do mar. Contudo a sua altura é disputada pelo Monte Chimborazo quando não é a maior montanha do planeta quando tomada a distância do seu topo em relação ao centro da Terra, título que pertence ao Monte Chimborazo, localizado no Equador.

O Everest encontra-se na Cordilheira do Himalaia, uma cadeia de montanhas localizada na fronteira da China com o Nepal e que se estende pela Índia, Butão e Paquistão. O nome Everest foi adquirido em 1866. Antes disso ela era conhecido como Pico XV. No ano anterior, descobriu-se a sua altitude e o governador da Índia colonial britânica atribuiu esse nome em homenagem a Sir George Everest, topógrafo geral da Índia.

Posteriormente, a Sociedade Real de Geografia da Inglaterra ratificou a denominação oficial. No entanto, no Nepal, o seu nome é Sgarmatha, que significa "deusa do céu", e, no Tibete, recebe o título de Chomolungman, que quer dizer "mãe do universo".

O surgimento do Everest, assim como o de toda a Cordilheira do Himalaia, está atrelado ao movimento das placas tectónicas, nesse caso, ao choque das placas Asiática e Indiana. Como a placa Indiana – por ser do tipo continental – é mais grossa e pesada, ela afunda sob a placa asiática. Esse fenómeno é responsável pela formação da cadeia de montanhas onde se encontra o pico mais alto do mundo. Como esse choque segue em curso, o Everest eleva-se cerca de quatro milímetros a cada ano.

Após a descoberta do esse monte era o ponto mais alto do planeta, inúmeros alpinistas sentiram-se tentados a escalá-lo. Dessa forma, após muitas tentativas e algumas mortes, o neozelandês Edmund Hillary e o nepalês Tenzing Norgay conseguiram finalmente alcançar o cume, fato que foi repetido algumas outras vezes posteriormente. Com as sucessivas conquistas do topo do Everest, a montanha tornou-se um dos mais famosos pontos turísticos do mundo. Cerca de 25 mil turistas visitam o local todos os anos, a maioria composta por alpinistas que tentam escalar ao menos uma parte desse imenso paredão.





ESQUADRÃO KAMY

Teatro angolano em alta

O espectáculo dramático “Esquadrão Kamy” do projecto Buco Produções, escolhido para representar Angola na 25ª edição do Festival Internacional de Teatro do Mindelo (Mindelact), Cabo Verde, em Novembro último, fica registado nos anais do teatro angolano como uma das grandes produções de 2019

Manuel Albano

A peça “Esquadrão Kamy”, que estreou em Janeiro deste ano na Casa das Artes de Talatona, em Luanda, foi escolhida, em particular, pela direcção do Mindelact, pela originalidade da adaptação dramática e o impacto que teve após a estreia, assim como por ser uma representação do papel das mulheres na luta de libertação nacional. O cenário montado remete o público para uma viagem profunda, amarga e dolorosa à história recente de Angola.

A produção caprichou no triângulo “amoroso” entre luzes, vídeo e som, o que facilitou a boa actuação das actrizes. A construção do espectáculo foi feita, também, de modo a permitir que o público tivesse a sensação de estar a viver o acontecimento em tempo real. Quem assiste fica com a ideia de estar mais próximo da realidade da época, mais concretamente em 1966. A boa preparação física das actrizes, a dicção, os enquadramentos, as deixas... tudo a “conspirar” para a perfeição de todo o conjunto. Nada falhou, o que impressionou bastante a plateia. A entrada triunfante das protagonistas, como verdadeiras guerreiras, causou uma “catarse” no público cabo-verdiano. O cântico, “oh!??, oh!??”, e a firmeza nas falas contribuíram para o sucesso da emocionante e envolvente actuação.

Desde o princípio ao fim do espectáculo “senti o silêncio a consumir a

alma dos espectadores, ninguém queria sequer perder um único momento da encenação que impunha uma forte carga dramática textual, representada com profissionalismo”, contou, com entusiasmo, Sofia Buco.

Aplausos merecidos

No final da apresentação de “Esquadrão Kamy” em Cabo Verde a sala, por longos segundos, ficou totalmente em silêncio, quebrado depois por aplausos e assobios. Acenderam-se as luzes e as actrizes ainda estavam em êxtase.

A emoção causada pela representação em palco das heroínas foi tão forte que provocou lágrimas nos espectadores e nas próprias actrizes. “Foi uma emoção muito forte que nos consumiu a todos. Essa peça cria-nos emoções e sensações múltiplas”, disse Sofia Buco.

João Branco, o coordenador geral do Mindelact, subiu ao palco para agradecer a “belíssima representação” das actrizes angolanas e o “bom trabalho que tem sido desenvolvido pelos grupos e companhias angolanas em prol do desenvolvimento das artes cénicas”. E destacou, em particular, o empenho dos grupos Elinga Teatro, Miragens, Henrique Artes e Pitabel, que também já participaram em edições anteriores do festival.

Esquadrão histórico

A peça “Esquadrão Kamy” retrata a participação das nacionalistas Deolinda Rodrigues de Almeida, Irene Cohen,

Lucrecia Paim, Engrácia dos Santos e Teresa Afonso na luta contra o colonialismo e a sua incorporação, como combatentes, no Esquadrão Kamy, uma coluna guerrilheira do MPLA. O Esquadrão Kamy tinha a missão de levar reforços da fronteira do Congo até a I Região Político-Militar no interior de Angola. Porém, o acto não foi bem sucedido. Elas foram presas nos arredores da pequena vila de Kamuna e posteriormente assassinadas, no dia 2 de Março de 1966. Este dia é consagrado como o Dia da Mulher Angolana.

O objectivo da peça, defende o encenador Flávio Ferrão, é levar o público a entender, pelo teor dramático, o que aconteceu na odisséia de regresso ao Congo, depois da tentativa fracassada de entrar no interior de Angola.

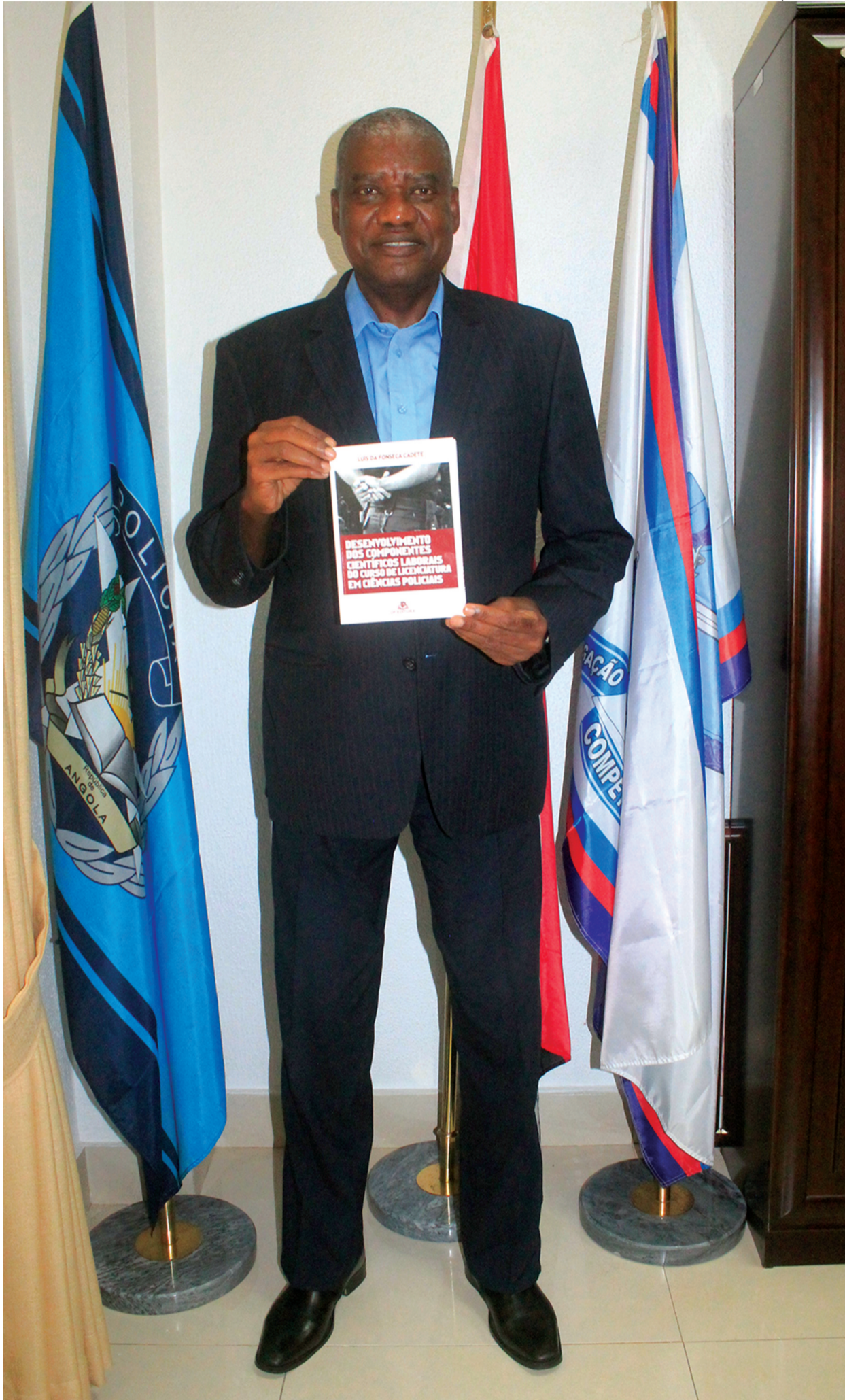
“Sabemos que Cabo Verde também tem heroínas e levar ao festival a história de mulheres que combateram na luta de libertação criou uma expectativa muito grande”, disse Flávio Ferrão.

O espectáculo, reforçou, “procura ainda criar uma reflexão em torno da valorização do esforço abnegado das valentes heroínas, que deram um grande contributo para o país ser livre, unido e independente”.

A peça é interpretada por Naed Branco (Lucrecia Paim), Sofia Buco (Deolinda Rodrigues), Rosa Cavela (Engrácia dos Santos), Nelma Nunes (Teresa Afonso) e Carina Sousa (Irene Cohen), todas com bastante experiência anterior.



EDIÇÕES NOVEMBRO



COMISSÁRIO LUÍS CADETE

Mais do que certificar, o ensino devia qualificar

O livro “Desenvolvimento dos Componentes Laborais do Curso de Licenciatura em Ciências Policiais”, de autoria do comissário Luís Cadete, está destinado aos estudantes do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais Osvaldo de Jesus Serra Van-Dúnem, e não só. Resultante da sua dissertação de doutoramento em Ciências Pedagógicas, Luís Cadete aborda na obra académica questões ligadas a uma estratégia educativa para o desenvolvimento dos dois principais componentes do ensino superior: o científico e o laboral

André da Costa

O autor da obra “Desenvolvimento dos Componentes Laborais do Curso de Licenciatura em Ciências Policiais” considera que o investimento na formação dignifica a imagem e o trabalho da Polícia Nacional, contribuindo, igualmente, para o reconhecimento, por parte da sociedade, de um esforço contínuo para a manutenção da eficácia e da qualidade dos serviços prestados aos cidadãos. E, neste particular, o Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais (ISCPC) joga um papel importante.

Essa estratégia, segundo Luís Cadete, visa levar os formandos do ISCPC a obter as competências laborais e científicas durante a licenciatura, “porque só assim estarão capacitados para participarem directamente no enfrentamento da criminalidade, uma vez que o crime é um fenómeno social existente no país”.

O autor considera que os antecedentes criminais vão mostrando que há uma tendência evolutiva do crime no país. Daí que o seu livro surge para elevar os níveis da qualidade do ensino policial, por formas a que os

estudantes, depois da formação, tenham competência suficiente para, no teatro das operações policiais, serem em práticas conhecimentos científicos. “Partimos do princípio que os fenómenos são resolvidos com ciência”, reitera Luís Cadete.

O livro aborda matérias que têm a ver com os modelos curriculares e também com as tendências contemporâneas dos currículos, uma vez que tudo começa por aí. “Uma boa formação depende muito do currículo concebido. Mas existem vários modelos curriculares e o livro traz sugestões tendo

em conta a realidade do subsistema de ensino angolano e também a realidade do próprio Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais, apresentamos sugestões no sentido de um modelo curricular por competência”.

O autor prossegue dizendo que sugeriu esse modelo porque é o que vincula a universidade à sociedade, além de desenvolver conhecimentos, habilidades e valores éticos e morais no futuro profissional. “Este modelo também oferece uma formação integral da personalidade do indivíduo, pelo que sugeri, no livro, que este modelo curricular

é o que melhor serviria o Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais, em função do contexto”.

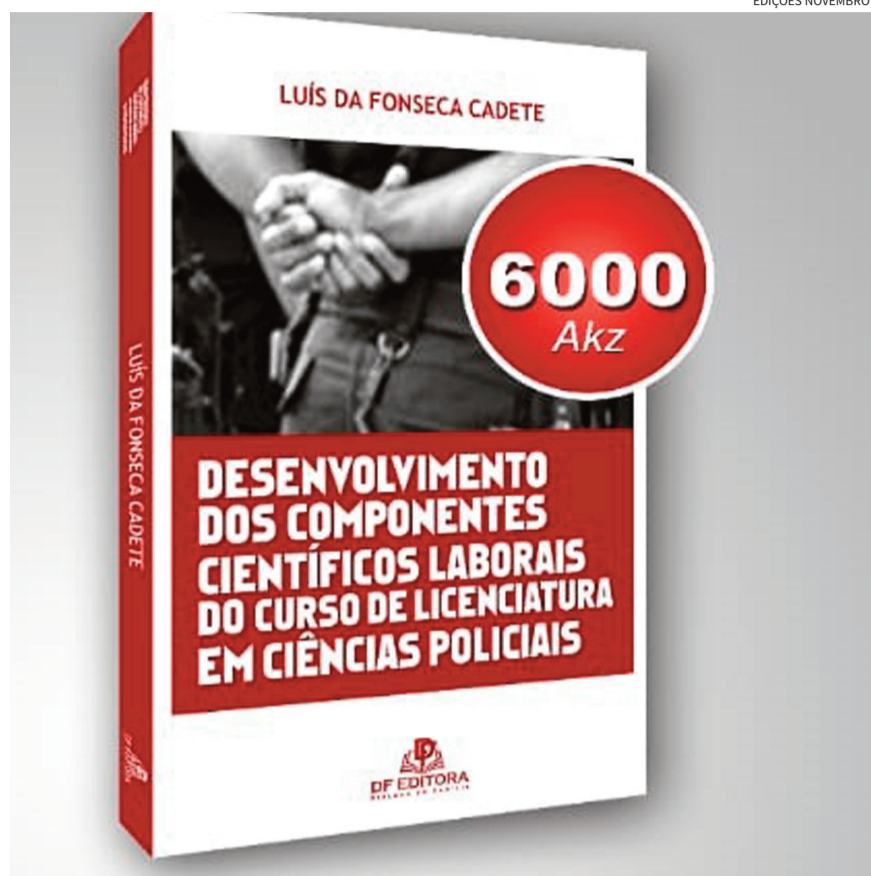
Embora concebido e virado para as ciências policiais, segundo o autor, o livro, com algumas adaptações, pode servir para todo o subsistema do ensino superior. “O livro levanta um problema de fundo: diz que, de um tempo a esta parte, houve uma explosão escolar em Angola, sentiu-se a necessidade de haver especialização nas várias áreas que compõem o país e houve uma grossa procura pelo ensino superior. Isso é bom para o desenvolvimento de um país. Mas ocorre que, no nosso caso concreto, a explosão escolar traz consigo alguns males, criou um segundo problema, porque (...) em função do contexto a Educação acaba por ser mais uma mercadoria lucrativa, situação que faz com que o ensino seja um meio de certificação e não de qualificação e formação para o (...) exercício profissional”, salienta o autor, esclarecendo que tudo isso redundaria no problema dos certificados falsos e má formação e falta de qualificação de muitos estudantes que terminam o

ensino superior.

“Ao nível do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais estamos a trabalhar para evitar sermos atingidos por este mal. Por isso, o livro pode ser adaptado ao subsistema de ensino superior, com algumas alterações”, frisa.

Luís Cadete defende um desenho curricular formado por um eixo de formação apoiado em dois componentes articulados: o científico e o laboral. “Prendemos que o estudante do ISCPC quando termina a formação superior, saia sabendo fazer. (...) O livro fala do componente científico porque se tem notado que boa parte dos estudantes encontra dificuldades para fazer uma pesquisa científica. E o componente laboral porque? Porque o estudante, quando termina a sua formação superior, tem dificuldades de aplicar na prática os conhecimentos teóricos. Nós, no Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais atacamos esse foco e queremos que os estudantes, depois de terminarem a licenciatura, saibam investigar e fazer, para justificar que fizeram um curso com base na ciência”.

A teoria aliada à prática



EDIÇÕES NOVEMBRO

Luís da Fonseca Cadete é de opinião que antes de defender o trabalho de fim do curso o estudante deve passar pelas práticas, apresentar um relatório de como decorreram essas práticas e só então defender o trabalho de fim do curso. “As práticas têm de ser acompanhadas pela escola e para tal tem de haver um convénio entre a universidade e a instituição pública ou privada, para facilitar as práticas por parte dos estudantes, o que parece não existir em muitas universidades”.

O oficial-comissário da Polícia Nacional apresenta o seu próprio exemplo. “Eu fiz a licenciatura em Pedagogia no ISCED e a prática nas escolas do ensino médio, onde dávamos aulas e éramos acompanhados pelo professor”.

O livro de Luís Cadete aponta soluções para melhorar o ensino superior policial. O autor reprova o facto de professores leccionarem em cinco universidades, apesar de entender que há carências de quadros superiores e que “o ensino não pode parar”.

Luís Cadete considera ainda que as dificuldades apresentadas por alguns alunos no ensino superior derivam de uma fraca preparação nas classes de base, situação constatada mesmo ao nível do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais.

Para colmatar esse problema, foi introduzido no ISCED o período propedêutico de quatro meses. Só depois é que os estu-

dantes vão para o primeiro ano. “Existia em tempos, no país, o ano propedêutico tanto no ensino público como no privado. Isto devia continuar para limar os problemas básicos”, defende.

O Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais já está a aplicar algumas sugestões contidas no livro de Luís Cadete, como é o caso das Unidades Docentes, criadas por despacho do comandante-geral da Polícia Nacional. As Unidades Docentes recebem os estudantes, a partir do terceiro ano, para as práticas profissionais.

“Os estágios profissionais são uma disciplina do currículo, onde se pode reprovar. É o tal problema de saber fazer. As Unidades Docentes são uma base de formação prática e constituem uma inovação”.

A Unidade Docente é uma esquadra policial, explica Luís Cadete, “onde os estudantes são submetidos a uma série de actividades práticas policiais, aplicando todas as teorias que aprenderam na sala de aulas”.

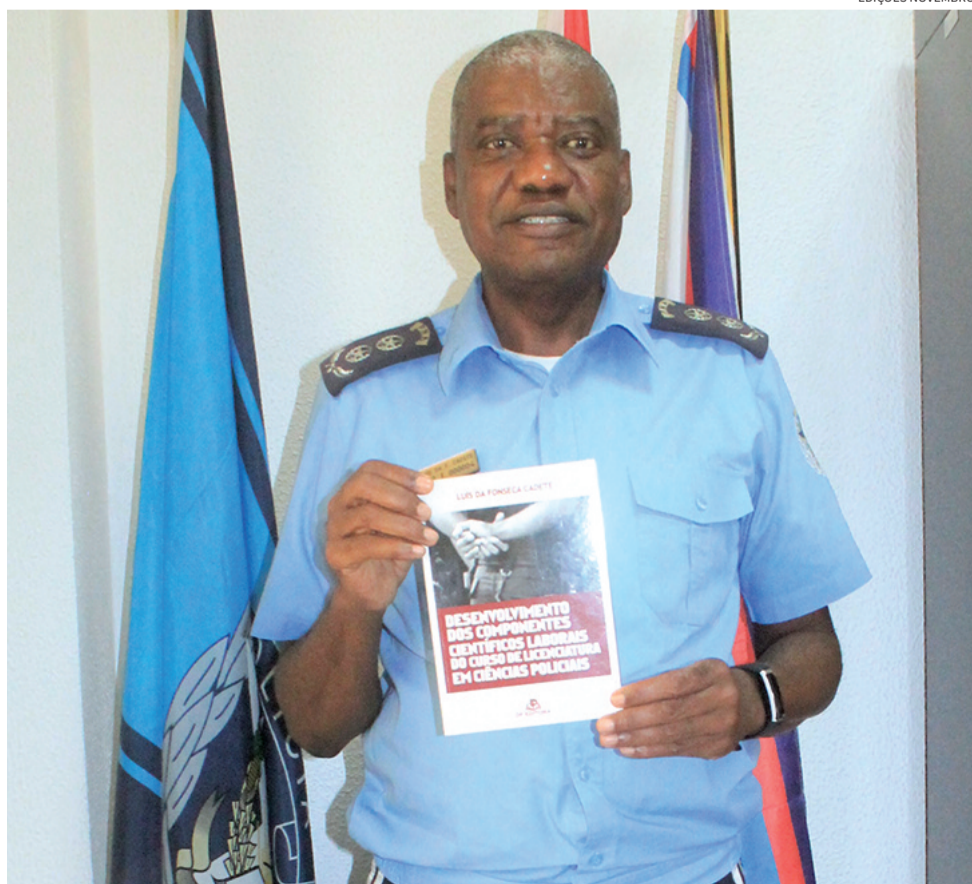
Cadete considera que o Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais é “um laboratório onde há linhas de investigação científica”. E ele clarifica a sua afirmação. “Estamos a fazer, neste momento, duas pesquisas científicas encomendadas pelo Comando Provincial de Luanda em relação ao sentimento de insegurança nas populações, bem como sobre a relação entre a Polícia e os cidadãos”.

Estudar a insegurança em Luanda

Segundo Luís Cadete, que é o director do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais, esta instituição actualmente “está a fazer pesquisas científicas, encomendadas pelo Comando Provincial de Luanda da Polícia Nacional, sobre o sentimento de insegurança nas populações, bem como sobre a relação entre a polícia e os cidadãos”.

Esses estudos, cuja revelação é feita pouco tempo depois do surto de criminalidade violenta de que resultaram vítimas mortais à saída de bancos em Luanda, segundo o comissário Cadete, estão inseridos nas “linhas de investigação científica” do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais.

EDIÇÕES NOVEMBRO



EDIÇÕES NOVEMBRO

Sobre o autor

Luís da Fonseca Cadete nasceu aos 21 de Abril de 1956, em Luanda, no Rangel (Bairro Indígena). É filho de Manuel Domingos Cadete e de Eugénia Manuel da Fonseca.

Realizou os estudos primários na província de Luanda, tendo frequentado o 1.º Ano do Ciclo preparatório na Escola Preparatória General Geraldo António Victor. Em 1977 deu continuidade aos estudos na província de Cabinda, onde frequentou a Escola Preparatória Barão de Puna e a Polivalente. Em 1981 frequentou, em Luanda, a Escola N'zinga Mbandi e em 1989 terminou o curso médio de Economia do Trabalho no Centro de Estudos Laborais. Concluiu a licenciatura em Psicopedagogia em 2007, no Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto. Em 2008, pelo Instituto Superior

Eliseu Reis Rodrigues, Cuba, fez a pós-graduação em Gestão Estratégica de Enfrentamento e no ano de 2014 concluiu o doutoramento em Ciências Pedagógicas no instituto.

Dentre as várias funções que desempenhou a partir de 1989 destacam-se as de delegado provincial do ex-MINSE na província do Cuanza-Norte, representante do ex-MINSE na Frente Militar Cuanza-Bengo (Luanda, Cuanza-Norte, Bengo e Cuanza-Sul), director da Escola Nacional de Polícia de Ordem Pública, comandante da Missão Especial da Polícia Nacional na República Democrática do Congo e director dos Recursos Humanos do Comando Geral da Polícia Nacional. Actualmente é director do Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais.

MÁRIO NDULO, FIGURA ENIGMÁTICA DO HUAMBO

“Intelectualismo mal usado é pior que a guerra”

É um exemplo claríssimo, na primeira pessoa, de que não se pode julgar um livro pela capa. A primeira sensação que se tem de Mário Ndulo, 65 anos, descendente do fundador do município do Andulo, na província do Bié, mas natural do Huambo, é de estar-se diante de um “maluco ou desequilibrado mental”. Puro engano

Miguel Ângelo/Huambo

O juízo depreciativo que se tem de Mário Ndulo se esfuma à medida que a conversa se vai desenrolando, pela sua eloquência e conhecimentos na abordagem de variados assuntos, embora, como certifica, “nunca cheguei à faculdade, sei um pouco, leio de tudo”, porque, afiança, “tenho vergonha em ser analfabeto, numa sociedade em que muitos são avessos à literatura”.

Afinal, para surpresa geral, dentro de um corpo impregnado de fedor, envolvido em trajes maltrapilhos, está “escondido” um homem – genuína biblioteca lapidada pela vida – com um elevado índice de sapiência em relação a comportamentos humanos, políticos, culturais, académicos e científicos. Mas que, por algum menosprezo, não é levado a sério em consequência do seu estado psico-emocional.

Mário Ndulo tem, para os que o consideram maluco, uma explicação para o seu estado psico-emocional: “Eu fui tropa das FAPLA. Mas, depois, o poder de Deus tomou conta de mim de uma forma estrondosa. Saí das academias militares, daquelas fagulhas dos conhecimentos militares, e entrei para a educação religiosa. Esses factores provocaram-me danos à memória”.

A descrição dos acontecimentos, sem espaço para perguntas, prossegue: “A guerra de 24 horas é suficiente para descomandar uma Nação. Imagine a nossa, que durou mais de trinta anos... por isso, a saúde mental de muitos de nós não está boa. Será preciso um trabalho profundo para, por parte do Governo, por meio dos psiquiatras e psicólogos, cuidar da mente dos angolanos. Há muitos que ainda ouvem aquele barulho dos tempos de guerra”.

A disseminação de seitas religiosas é, para ele, um outro factor, depois da guerra, que contribui para a divisão das famílias e que tem provocado, também, a desestruturação de mentes. Ndulo assegura que não pertence a nenhuma religião, mas tem tido “problemas familiares devido às seitas religiosas”, pelo que defende, no âmbito da Operação Resgate, o encer-



ramento de algumas seitas religiosas, que, aponta, “transformaram a palavra e a fé em negócio”.

Seitas religiosas

“As seitas religiosas estão a atrapalhar a vida dos angolanos em termos de cultura. É um sistema que tem de ser bem estudado. Estou a pagar um preço muito caro: a minha família está toda dividida por causa dos sistemas religiosos diferentes. As famílias estão a ser sub-divididas, estão a se desestruturar por causa destes ecos diferentes que vêm lá de fora”.

Na conversa mantida, Mário Ndulo escusou-se a entrar, em profundidade, nas questões políticas, concretamente sobre o conflito armado que grassou pelo país, alertando que “devemos deixar estes assuntos no cantinho das lamentações”. E declara ser importante que os políticos

saibam a sua verdadeira missão, na condução dos destinos da Nação, daí chamar a atenção para o uso do intelectualismo para fins inconfessos.

“O intelectualismo é bom, mas quando bem governado. É como a inteligência: tem de ser bem cultivada. Uma inteligência mal cultivada dá maçada às pessoas inocentes. O intelectualismo mal usado é pior que uma guerra prolongada de 100 anos.”

É nessa esteira que Mário Ndulo apela à classe política a despir-se do intelectualismo e a olhar mais para o povo, ajudando o Presidente da República, João Lourenço, pessoa que considera ter “uma personalidade com novidades e uma linguagem inovadora”, mas que “não conseguirá governar a nação sozinho”, sem o apoio dos demais.



FRANCISCO LOPES



FRANCISCO LOPES



Jovens avessos à leitura

Mário Ndulo não poupou, antes de terminar a conversa, críticas ao comportamento de alguns jovens, que “não procuram melhorar o nível académico”,

o que faz com que não aprendam coisas simples, por exemplo, como explicar quando é que um ano é bissexto e outro é comum. “A classe estudantil

jovem está a ler muito pouco. Há quem até jornal não lê. Esse comportamento, de não se gostar da leitura, não é bom para o futuro”, alertou.

Recepção pobre ao então candidato a PR

A 25 de Julho de 2017, enquanto candidato do MPLA, João Lourenço desembarcou no aeroporto Albano Machado, na cidade do Huambo, à conquista de eleitores que o confirmassem como Presidente da República. Mário Ndulo afirma que foi uma “recepção pobre”, obrigando o governo local a “ir buscar população a 30 ou 40 quilómetros, nos municípios, para marcar presença no comício”.

“Eu vi a recepção muito pobre, eu lagrimei,

porque só teve um reduto pequeno de gente no aeroporto.

Mas, depois destas mudanças no país, se João Lourenço vier para aqui, agora como Presidente da República, para mais algum trabalho, não vai sofrer mais aquele desprezo. As pessoas agora acreditam nele.

Não será preciso os mobilizadores do partido andarem de porta-em-porta. A própria consciência vai angariar público”, justificou.



“Amor ao próximo não tem fronteira”

Mário Ndulo é oriundo de uma classe nobre. Ele é descendente de Ndulo, fundador do município do Andulo, no Bié, província que antes se chamava Silva Porto, fundada em 1915. Nasceu a 1 de Julho de 1953, na província do Huambo. Ei-lo a seguir, em discurso directo.

Onde busca todo esse conhecimento que demonstra?

Leio de tudo um pouco. Até o director (Fernando Cunha, delegado da Edições Novembro no Huambo), devido a este meu hábito de leitura, ofereceu-me a possibilidade de ter um exemplar gratuitamente. Rejeitei-o. Por uma simples razão: a vida é a soma dos números e esta oferta constituiria, a longo prazo, prejuízo nos cofres da empresa.

Estão aqui muitas pessoas a ouvir a nossa conversa...

Eu não chamei ninguém! Uma pessoa que

tem o brilho do saber não precisa de ir à rádio, porque no dia tal me encontram no sítio tal. Eu sou assim. Vocês mesmo [dirigindo-se às pessoas em redor] já levam nos vossos ouvidos, como porta-vozes, que hoje chocámos com um milagre: um fantasma que não toma banho e nem escova os dentes. Até tenho vergonha de estar a sentir o meu mau hálito, em termos de comportamento pessoal. A higiene é pessoal. Mas o tio Mário não toma medicamento. Eu não conheço o que é a farmácia.

Obrigado Ti Mário...

Obrigado eu. Foi o senhor jornalista que fomentou essa presença. Estão a ver que o seu valor singular não vale. Você na praça sem o outro “vai dormir fome”, na loja sem cliente a mesma coisa, o Hiace sem passageiros é fome. Então, é onde está a palavra fundamental: o amor ao próximo não tem fronteira.

REVERENDO DINIS MARCOLINO EURICO

Hospital de Caluquembe precisa de reabilitação urgente

Reverendo Dinis Marcolino Eurico é o presidente da Igreja Evangélica Sinodal de Angola (IESA), cuja sede nacional está situada na cidade do Lubango. Nesta entrevista, ressalta o grande papel desempenhado pelo Hospital de Caluquembe, considerado um gigante com tradição na cura e na formação de técnicos de saúde, e os esforços para a elevação do histórico templo da IESA a património cultural nacional. A luta pelo reconhecimento de dois importantes projectos, uma universidade e uma rádio, bem como a dinamização da agricultura são outros aspectos que não escaparam à abordagem do reverendo Dinis Marcolino Eurico

EDIÇÕES NOVEMBRO

Arão Martins | Lubango



A IESA é detentora do hospital de Caluquembe, com tradição na cura e na formação de técnicos de saúde. Qual é o estado actual daquele gigante, situado no município de Caluquembe?

Aquele gigante, como bem chamamos, foi salva vidas de milhares de pessoas no passado. De Cabinda ao Cunene, vieram pessoas para serem tratadas no nosso hospital. Hoje, está como está. Não trabalha como no passado. Faz das tripas coração, como se costuma dizer na gíria. O hospital de Caluquembe ainda faz cirurgias de complexidade. Reconhecemos que ainda temos poucos recursos materiais e meios. Recentemente, a ministra da Saúde ofereceu-nos uma ambulância e medicamentos. Ajudou e alegrou-nos até certo ponto. Agradecemos. O governador provincial da Huíla, Luís Nunes, também tem se preocupado muito com o hospital e tem dado o seu apoio moral e institucional. Mas o hospital de Caluquembe precisa de uma reabilitação total.

Em que pé ficou o projecto de reabilitação que já havia sido lançado?

De facto, o projecto de reabilitação total do hospital foi lançado em 2010. Mas não foi além. Continua parado. Foi aprovado pelo Presidente da República. Eu, pessoalmente, cheguei a ser recebido pelo Engenheiro José Eduardo dos Santos. O projecto chegou a ser inscrito no Orçamento Geral do Estado, entre 2013 ou 2014. Mas não passou disso. E até hoje continua na mesma. Nunca foi concretizado. Não sabemos o que se fez com esse dinheiro. Naquela altura, o Presidente da República orientou o Ministério da Reinserção Social para construir alguma coisa ao lado do hospital e nós elegemos o bloco operatório. Houve uma altura em que o antigo Presidente da República teve a iniciativa de dar algum dinheiro para as igrejas. Com esse pequeno projecto, construímos um bloco operatório no hospital de Caluquembe.

Qual é a capacidade de internamento do hospital?

O Hospital de Caluquembe tem capacidade para internar 240 doentes e oferece quase todos os serviços, assegurados por cerca de 500 funcionários, dentre enfermeiros, auxiliares, técnicos administrativos e corpo clínico. Com a reabilitação, ampliação e modernização, a unidade iria duplicar a capacidade e melhorar vários serviços, como o bloco operatório, raio X e hemoterapia. Essa continua ser a nossa preocupação.

Quais são as outras valências que deviam ser abrangidas?

O projecto incluía a construção da Pediatria e Maternidade e reparação das vias de acesso à Missão Evangélica onde está instalado o hospital de Caluquembe. Contemplavam igualmente a reabilitação do Instituto Bíblico de Caluquembe, o internato, Centro de Nutrição, a escola primária e todas as infra-estruturas antigas que funcionavam com a acção social da igreja.

O bloco chegou a ser construído?

De facto, sim. O bloco operatório chegou a ser construído, através do antigo MINARS. Terminou a construção, mas, passados seis anos, o bloco não funciona. Está fechado e, agora, a rachar, porque não foi apetrechado, apesar de o projecto contemplar o seu apetrechamento. O dinheiro recebido pelo construtor não chegava. A inflação fez o dinheiro do apetrechamento perder valor.

Qual era o valor?

Na altura, o construtor deu-nos 11 milhões de kwanzas. Com esse montante é impossível apetrechar um bloco operatório. Isso foi já um esforço do construtor. Compreendemos o facto e até hoje continuamos sem o bloco funcional.

Qual é a estratégia que está a ser adoptada?

Como igreja, estamos agora a trabalhar com os nossos parceiros nacionais e internacionais para ver se até

princípio de 2020 esse bloco comece a funcionar. É uma pena ter uma infra-estrutura tão bonita e a estragar-se.

Qual é o estado actual de outras valências?

As outras valências, como a área da tuberculose, maternidade, zona de hospedagem dos familiares dos doentes e outras, também precisam de reabilitação.

O projecto concebido na altura, incluía também a Escola de Enfermagem, hoje Instituto Médio de Formação de Técnicos de Saúde. Prevemos, no próximo ano, passá-lo para Faculdade de Medicina, dentro da Universidade Sinodal de Angola, que já tem o Instituto Superior no Lubango, onde são leccionados os cursos de sociologia, enfermagem e laboratório. Queremos que a escola de Caluquembe passe para uma Faculdade de Medicina. Tudo isso no quadro de fazer daquele hospital uma universidade, projecto que vai permitir dar mais vida ao próprio município, respondendo assim ao desiderato de que a vida faz-se nos municípios.

Quais são outros projectos que vão concorrer neste ganho?

Sentimos que o sinal da Unitel ainda é baixo. Estamos a trabalhar com a entidade para melhorá-lo. Estamos confiante que a nova direcção da Presidência da República, se lembre do projecto e se recupere alguma coisa.

Em termos valores, quanto é que a direcção da denominação necessita para as envolventes do hospital de Caluquembe e missão funcione em pleno?

O projecto tem um valor e já está convertido em dólares. Por causa do conflito, o hospital foi completamente saqueado. Alguns meios foram recuperados, outros não. A guerra aconteceu no país inteiro. Agradecemos o que se recuperou e continuamos a complementar o resto com dinheiro próprio, sobretudo com a participação dos doentes. O que há hoje em Caluquembe resulta, sobretudo, do esforço da própria igreja, que

solicitou aos membros de diferentes filiais contribuições, com o mínimo possível, daquilo que chamamos de “fundo de misericórdia” do hospital de Caluquembe, para ajudar os doentes sem possibilidades de suportar o tratamento. Com o fundo, esses doentes são tratados de graça. O fundo possibilita a compra-se de camas, seringas, luvas e outros meios.

Quer com isso dizer que o hospital é auto-sustentado?

De facto o hospital de Caluquembe recebe alguma quota do Orçamento Geral do Estado, para pagar o salário dos enfermeiros e medicamentos. Mas o valor do orçamento cobre apenas 40% do total das despesas mensais. Outros 60% são cobertos pelas receitas da instituição, com a participação dos doentes e da igreja local.

Quantos médicos funcionamento no hospital?

Qualquer pessoa que vai ao hospital de Caluquembe hoje vai ser bem recebida e tratada. Temos médicos residentes. Além dos nacionais, temos um casal médico de nacionalidade americana, suportado pelos nossos parceiros internacionais, sobretudo a bolsa samaritana. Ajudam-nos a manter o casal no município. Infelizmente, os médicos americanos continuam a esperar da carteira da Ordem dos Médicos de Angola, que nunca mais sai. Segundo informações, o documento depende do INARES, que, para mim, é um órgão que atrasa as coisas e não ajuda. Eu, pessoalmente, fiz a minha formação em Lisboa, em 2008, na Universidade Clássica de Lisboa, como mestre em direito, entreguei o meu diploma ao INARES, em 2008, e até hoje, nada. Mas os médicos estão a trabalhar e animados. Temos também o Dr Estêvão Foster, um grande cirurgião da próstata, garganta, de bócio e outras feitas no hospital. Temos, igualmente, uma equipa de enfermeiros muito forte. Os nossos quadros formados no Instituto de Caluquembe são sempre bem recebidos na comunidade.

Património nacional

EDIÇÕES NOVEMBRO

Em que fase está o projecto de inscrever o templo da Igreja Evangélica de Caluquembe em Património Nacional?

Comecei este ano com o processo. Já era tempo de tornar o templo de Caluquembe em património cultural pela sua idade. Formamos uma equipa que está a trabalhar no assunto.

Quais são os passos dados?

O primeiro passo foi criar uma equipa de recolher de todos os dados necessário no terreno para posteriormente, em função do que existe, solicitar a ficha junto do Ministério da Cultura e fazer a devida inscrição.

Existem várias envolventes para o ganho ser um facto. Como sabe, existem outras envolventes para a infra-estrutura ser reconhecida como património cultural, como é o Ministério da Cultura, Governo Provincial e outros. Os jornalistas também precisam de se envolver no processo, a própria igreja, a história oral e muito mais.

A histórica infra-estrutura que era denominada Sapalalo, primeira igreja construída pelo fundador da denominação em Caluquembe, vai ser levada em conta?

Infelizmente, a infra-estrutura foi construída de adobe e tentamos colocar um alpendre para proteger das ventanias e chuvas. Ainda assim, não conseguimos mantê-la porque as restantes paredes estão a cair aos poucos. Porém, estamos a trabalhar para no futuro se fazer uma recuperação histórica, através de fotografias e reconstituir a história. Mas as paredes que o Eli Shateley fez, por causa das chuvas, estão a ser perdidas.



Projectos reconhecidos

Qual é a importância atribuída à criação da Universidade e da Rádio Maranata?

Estou satisfeito com as duas conquistas e irei para a reforma com o coração satisfeito, por ter feito alguma coisa para Jesus Cristo, de forma espiritual e de uma maneira administrativa, para a minha denominação.

Foi uma luta titânica e difícil criar a universidade e reconhecê-la. Foi muito difícil, muita tinta, muita palavra e muito papel. Agradeço também pelo encorajamento moral do antigo Presidente José Eduardo dos Santos, naquela altura, que mesmo assim deixou sem o reconhecimento a universidade. Quando o Presidente da República, João Lourenço, visitou a cidade do Lubango, província da Huíla, coloquei novamente o assunto.

Pedi que eu ficasse descansado, porque haveria de ordenar o reconhecimento. Prometeu e fez. É, também, nesta altura, no tempo do Presidente da República João Manuel Gonçalves Lourenço, que recebemos a rádio. Por isso temos motivos de estar felizes. Não podia ser de outra maneira. Estou mesmo satisfeito com os dois projectos reconhecidos.

A IESA recebeu há dias tractores. Qual é o propósito?

Recebemos do Governo, seis tractores que vão dinamizar o processo produtivo das famílias. Não só as religiosas. Mas todas, de uma forma geral. A equipa liderada pelo Presidente João Lourenço tem sido muito dinâmica e corajosa. Os seis tractores vão permitir cobrir seis das oito missões controladas pela

denominação, designadamente as Missões de Lomolo, de Cassua e Jamba, Ganda, Katala, Caluquembe e Nondumbo.

As nossas missões têm muitas terras aráveis. Criamos um projecto de multiplicação de sementes, para junto de cada missão onde estiver o tractor se ensinar as famílias a melhorarem as sementes.

Os tractores não vão apenas assistir a população afectas à igreja, mas as comunidades. A igreja vai monitorar, mas assistir todos, já que as dificuldades são conjunturais.

O cultivo da soja e a multiplicação do gado de tracção animal também tem sido aposta da denominação. Quais são os ganhos nesta área?

Os indicadores dos resultados satisfazem-nos, porque conseguimos, nos municípios de Chicomba, Caluquembe e outros, fazer com que a soja passe a fazer parte da dieta alimentar das comunidades. Isso melhora o corpo humano e evita certas doenças. Esses são os ganhos que temos. Consome-se mais soja. O mesmo ganho é extensivo ao projecto de fomento bovino para atracção animal.

O projecto abarca o Leste do país, onde há muitos rios e áreas aráveis para cultivar. Com os ganhos, estamos a ensinar a população a diversificar a economia da família. Há casos em que a população tem o mito de que o uso do boi é perigoso porque exala algum vento que faz mal, o que não é verdade. Estamos a ajudar essas populações a usarem o boi para aumentar a produtividade com a lavoura da terra.

Há quanto tempo está no cargo de presidente da Igreja

Evangélica Sinodal de Angola (IESA)?

Pela graça, Deus chamou-nos para dirigir o seu rebanho desde o ano 2006, por altura da realização do sínodo geral, realizado no município de Caluquembe (196 quilómetros a norte da cidade do Lubango), província da Huíla, sede histórica da denominação,

Em que condições foi eleito ao cargo de presidente da IESA?

É algo que a Igreja quis fazer, porque nunca tinha feito antes. A nossa Igreja não tem essa tradição de eleições, porque abrem alas e aquele que é eleito, muitas vezes, perde tempo para trazer as alas em união, sobretudo aqueles que não apoiam a figura que foi eleita. As alas são tantas quanto forem os candidatos. E quando o eleito procura unir as alas, o tempo passa. Cria fissuras e perde-se muito tempo. É por isso que a Igreja Sinodal de Angola não tem tradição de eleições periódicas, como outras instituições. Mas as faz quando achar que deve fazê-las, como aconteceu em 2006.

Então não ficou surpreendido com o desmembramento de alguns candidatos?

Não. Não fiquei surpreendido. É natural que as denominações religiosas tradicionais como a IESA sofram esses abalos. Não é a primeira vez que isso ocorre. Tivemos o primeiro abalo em 1987 e outro em 1997. Mas eu já tinha vivido outro antes. A história eclesial em Angola mostra-nos que todas as igrejas tradicionais, a uma dada altura, no seu crescimento, tiveram um abalo. O que é preciso é saber gerir esses abalos, de maneira a que não prejudique a pregação do evangelho que traz pecadores a Cristo.

É normal para uma denominação como a IESA, que é centenária na pregação do evangelho, surgir fiéis que preferem criar uma outra denominação inclusive ilegal?

É como disse. São pessoas e onde há duas pessoas existe também dois pensamentos e onde há milhares de pessoas, também surgem milhares de pensamentos. Portanto é normal que aconteça alguém ter um pensamento diferente. Não é bom, mas é normal acontecer.

Encontrou muitos desafios quando foi eleito presidente de denominação?

Somos uma igreja, como bem disse, tradicional, mas é uma denominação evangélica, o que quer dizer que nos cingimos à bíblia e ao evangelho. Por detrás disso, está o facto de apenas tomarmos a bíblia como palavra de Deus. Para nós, a bíblia é a palavra de Deus e a nossa única regra de conduta e de fé é a prática. Portanto, o desafio que encontrei é próprio de uma igreja tradicional e grande com mais de 120 anos de existência e com vários grupos étnicos, com vários estratos sociais e vários pensamentos também. O desafio foi exactamente fechar as alas que as eleições deixaram e fazer com que a Igreja possa caminhar. A igreja estava numa situação difícil, porque não havia dinheiro e tivemos que orar, fazer campanhas de evangelização, mobilizar o povo e fazer com que o espírito santo, que é o nosso apoio, pudesse tomar o seu lugar. Quando o espírito santo tomou o seu lugar, aí as dificuldades começaram a desaparecer e começou a surgir o crescimento que é visível hoje. Isso não é obra minha, é da própria Igreja e do Espírito Santo.



EDIÇÕES NOVEMBRO

“KACILINGI CIMWE”

Epicentro da pegada: Ndombe Grande

Mais mentira do que verdade, alguns jovens tímidos em desfazer-se do nó na garganta iam mesmo ao intrujão que “lhes comia” o pouco dinheiro que conseguiam a muito custo. Felizmente, sempre fui duvidoso dessas coisas e, ao chegar à adolescência, nunca fui tentado a tais práticas nem conservo temor delas, embora respeite os crentes e suas crendices

Soberano Kanyanga

Desde a minha adolescência, no Libolo, quando Benguela “ficava ainda longe”, que ia ouvindo estórias sobre “pegadas” para atrair raparigas, emprego de director nas três unidades económicas estatais ligadas ao café (Libolo I, II e III), pegada para conseguir cargos de comissário ou delegado, pegada da invisibilidade diante das rusgas do ST e PCU, ou ainda pegada para ser nomeado director de escola, internato ou centro médico. Falava-se também em pegada para conseguir encaminhamento escolar para o Sumbe, aonde pouquíssimos eram enviados para fazer o curso médio de Educação. Em Kalulu, dizia-se que o velho “bruxeiro” mais famoso era o Kakwete, que se gabava oriundo de Ndombe Grande, ou que tivesse de lá “bebido a ciência” da wanga forte e infalível para todas as situações.

Naqueles tempos de primeiros cantos rosados às kilumbas, o que os tímidos mais procuravam era o kacilingi cimwe (não faço nada). Diziam que “bastava andar com o pauzinho no bolso e esfregá-lo aos dentes quando visse a pretendida” e, no dizer dos crentes, aquilo actuava como tiro certo.

“Final, o único medo de Ndombe Grande é somente a distância para lá chegar. O resto são mitos e crendices. Para mim, nada de razão!”

Mais mentira do que verdade, alguns jovens tímidos em desfazer-se do nó na



garganta iam mesmo ao intrujão que “lhes comia” o pouco dinheiro que conseguiam a muito custo. Felizmente, sempre duvidei dessas coisas e, ao chegar à adolescência, nunca fui tentado a tais práticas nem conservo temor delas, embora respeite os crentes e suas crendices.

Convidado para uma palestra no Seminário Prope-dêutico de Benguela, decidi fazer gosto ao motor e à estrada impecável para conhecer a tão famigerada comunidade. Ndombe Grande é uma comuna que se situa no caminho costeiro para o Namibe, uns cinquenta

quilómetros da cidade das acácias rubras.

Parado o carro, junto ao mercado da edilidade, fui, sarcasticamente, perguntando a jovens (rapazes, raparigas) e adultos “onde vendiam o que muitos, por toda Angola, dizem ser forte e inigualável.”

– Hoko! Ó mano, é tudo mentira. Aqui “no” tem. Nem kacilingi cimwe, nem migosta. É só mentira das pessoas. – Recebi como respostas.

Afinal, o único medo de Ndombe Grande é somente a distância para lá chegar. O resto são mitos e crendices. Para mim, nada de razão!

COMER EM CASA**Salada de massa com bacalhau****Ingredientes**

- azeite;
- ½ cebola (em cubos) e 2 dentes de alho (tritados);
- 3 colheres de sopa de pimenta amarela e vermelha;
- 300 gr de bacalhau (dessalgado e desfiado);
- 3 colheres de sopa de azeitonas;
- 2 colheres de sopa de cebolinha verde;
- 2 colheres de sopa de salsa;
- sal e pimenta a gosto;
- 200 gr de massa Penne;
- suco de ½ limão.

Preparação

Na panela, coloque o azeite, refogue a cebola, o alho e a pimenta vermelha e amarela. Acrescente o bacalhau dessalgado e desfiado e cozinhe por alguns minutos. Adicione as azeitonas picadas, a cebolinha verde e a salsa. Tempere com pimenta e, se necessário, sal. Transfira para uma tigela. Para a massa, numa panela com água quente e sal cozinhe o Penne por 7 minutos. Escorra a massa. Despeje na tigela com o bacalhau. Tempere com suco de limão e azeite. Misture bem e sirva.

**Salada de beringela e tomate****Ingredientes**

- 3 beringelas médias;
- 5 tomates maduros (rijos);
- 2 cebolas de todo o ano (às rodelas com as folhas);
- 10 folhas de manjeriço (em tiras).

Molho:

- 1 pedaço pequeno de gengibre (ralado);
- 1 dente de alho (pisado);
- 2-3 colheres de sopa de vinagre vermelho;
- 2 colheres de sopa de azeite;
- sal e pimenta a gosto.

Preparação

Pique as beringelas com um garfo várias vezes, coloque num tabuleiro e asse em forno médio por 40 minutos, virando-as às vezes. Quando estiverem macias, tire-as e deixe arrefecer um pouco. Tire a casca e corte em cubos. Despeje o molho por cima dos cubos, misture, tape e reserve. Corte os tomates às rodelas. Adicione todos os restantes ingredientes às beringelas arrefecidas e misture bem.

**Ragoût de cogumelos****Ingredientes**

- 1 kg de cogumelos (lavados e cortados em pedaços);
- 2 dentes de alho (pisados);
- 1 cebola grande (picada);
- salsa picada;
- sal e pimenta a gosto;
- 2 colheres de sopa de farinha de trigo;
- 3 colheres de sopa de óleo.

Preparação

Limpe e lave bem os cogumelos. Corte os cogumelos grandes em pedaços pequenos. Refogue os cogumelos no óleo quente durante alguns minutos. Junte 1 chávena de água, leve à fervura e deixe por alguns minutos. Não deve ter areia nos cogumelos. Despeje a água onde ferveu os cogumelos dentro numa caneca e reserve. Aloure a cebola e o alho em 1 colher de sopa de óleo, adicione a salsa, os cogumelos e o líquido reservado. Tempere com sal e pimenta. Misture a farinha de trigo com um pouco de água fria numa chávena e adicione ao “ragoût”. Mexa bem até engrossar. Deixe ferver uns minutos e sirva, com arroz ou massa.



FICHA TÉCNICA

Título
Star Wars:
The Rise of Skywalker

Lançamento: 2019

Gênero: Aventura,
Ficção, Acção, Fantasia

Duração: 142 minutos

Director: J. J. Abrams



EM EXIBIÇÃO

Zap Cinemas e Cinemax
toda a semana
Horário: a partir das 13h30

ALUSÕES

Amizade

Embora a humanidade tenha buscado as estrelas por inúmeras vezes, existem princípios únicos que a distinguem das demais criaturas. A amizade é uma delas. Mesmo com os avanços do mundo tecnológico, este sentimento persistiu, apesar de agora ela perdurar mais sobre as facetas erradas, como a da falsidade e do interesse. Porém, é preciso que haja um trabalho mais apurado de sensibilização em torno deste tema, porque a vida na “aldeia global” é rodeado de muitos males e princípios como a amizade, quando bem fortalecidos podem se tornar úteis para a futura geração, actualmente bem mais frágil e susceptível a cometer erros.

Abnegação

Ser altruísta ao ponto de desistir de algumas coisas é um feito que poucos conseguem realizar, em especial agora, nesta era moderna, na qual os interesses pessoais tendem a estar, cada vez mais, acima de qualquer princípio ou ideologia. Campanhas de sensibilização já foram feitas em torno deste sentido, porém, o fenómeno ainda permanece, em grande parte devido as tendências da sociedade actual. Porém, o gosto pelo poder e o ganho próprio deve ser feito com base em regras e no respeito pelos demais, caso contrário tende a criar choques, cujas repercussões podem afectar, bastante, a próxima geração.

“STAR WARS: A ASCENSÃO DE SKYWALKER”

O fim decepcionante da grande aventura

Para quem esperou anos por um desfecho a altura de uma produção que por gerações foi uma referência da cultura popular, “A Ascensão de Skywalker” acabou por desapontar a todos, com um fraco lampejo de um bom potencial

Adriano de Melo

Depois de anos de espera, finalmente o episódio IX, de uma das mais promissoras aventuras de ficção do cinema, chegou às salas. Porém, não foi tão incrível quanto se esperava, mas sim decepcionante, sem a ousadia e a grandiosidade dos filmes anteriores, cujo impacto tornaram “Star Wars” num ícone da cultura pop por gerações.

O último título da série, “A Ascensão de Skywalker”, pretendia ser o encerramento de uma aventura que conseguiu conquistar milhões de fãs em todo o mundo e se tornou uma referência da cultura popular, mas acabou por ser uma “sombra” fraca do filme anterior, com o agravante de ter “enfraquecido” certas personagens da série e “endeusado” outras.

Nem mesmo as supostas inovações, que vemos em certas cenas de luta, conseguiram fazer retornar a magia perdida de “Star Wars”,



Filme encerra décadas de aventura e ficção criados por George Lucas

uma série cujas primeiras histórias permitiram ao público, em especial os jovens, sonharem com um mundo além das fronteiras da Terra. Mesmo as “mãos experientes” do realizador J.J. Abrams, com trabalhos inovadores no domínio da ficção científica, no cinema e na televisão, como “Fringe”, “Lost” ou “Star Trek”, ajudaram neste sentido. O filme ficou perdido entre o romance, a

determinação da protagonista (vivida por Daisy Ridley) e do antagonista (Adam Driver) em vencerem e a luta da resistência contra o Império, cujas cenas finais poderiam ter sido bem melhores, mas acabam por ficar resumida a uma “simples” luta no espaço.

Talvez o erro de J.J. Abrams tenha sido o tentar reformular a série, retirando uma parte do destaque aos anteriores

protagonistas e o recolocar em novos, uma forma de revigorar toda a história. Porém, é uma tarefa difícil. Afinal não se pode mudar uma história de mais de 42 anos, com a simples implementação de “rostos novos”. Ou, talvez a falha esteja no facto de o estúdio detentor dos direitos do filme, antes pertencente ao realizador George Lucas, hoje seja parte do conglomerado da Disney e, como sempre, a introdução da marca desta multinacional na produção tenha retirado grande parte da sua “magia”.

Agora, com um final logrado, os inúmeros fãs da série, que habituou todos a desfechos muito dramáticos, que abriam portas a sequências fantásticas e mundos desconhecidos, terão de se contentar com futuros “spin-offs”, ou outras produções ligadas, indirectamente, a história, como tem feito agora o estúdio Lucas Filme, com “O Mandalariano”, cujos primeiros episódios têm conseguido encantar a crítica e os fãs.

ALTOS



A tentativa de inovação

Quando o realizador J.J. Abrams pegou o projecto “Star Wars”, começou logo a propor, assim como fez em outros trabalhos, um dos quais “Star Trek”, a “entrada” de jovens actores para refrescaram as produções. As medidas foram aplaudidas por todos, fãs e críticos. Era a altura de apostar na mudança e trazer aqueles que iriam assumir os destinos do filme, por muitos anos. Agora, com o final da aventura, temos de esperar por “spin-offs” para os voltar a ver nos ecrãs.

BAIXOS



Efeitos especiais bastante fracos

Para um filme cuja principal característica é a ficção, o último título da série desapontou bastante. Todos esperávamos por uma aventura sem igual, em vários mundos desconhecidos, onde poderíamos ver outras espécies. Nada disso aconteceu. Mesmo as grandes viagens espaciais ficaram reduzidas a umas poucas cenas. O mesmo aconteceu com as batalhas entre naves ou dos dois representantes dos seres mais poderosos de “Star Wars”. O final feliz proposto trazido pela “Ascensão de Skywalker” apenas o foi para os produtores e o estúdio. Para os demais foi um fiasco, principalmente depois de anos de angustia e espera.

IVA, O IMPOSTO JUSTO PARA A NOSSA SAÚDE.



Com este imposto, recolheremos mais fundos para aplicar na contratação de médicos e enfermeiros, bem como na construção de novas unidades sanitárias. Além disso, alguns bens e serviços ligados à Saúde estão isentos do pagamento de IVA, como **os medicamentos, seguros de saúde e os serviços médicos dos estabelecimentos hospitalares.**
IVA, o imposto justo!

agt.minfin.gov.ao



AGT
ADMINISTRAÇÃO
GERAL
TRIBUTÁRIA

FUNÇÃOÁRIO RESPONSÁVEL



POR UMA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA PRODUTIVA

Caro Funcionário ou Agente administrativo a pontualidade, disciplina, imparcialidade e assiduidade contribuem para o melhoramento da qualidade nos serviços públicos.



CRÓNICA

As alterações climáticas em Angola

António Kissamá

Lá eu ficava, em tempos de bonança, via borboletas azuis, amarelas e gaios africanos; uma multidão de insectos nas gravanas sombreando as correntes fluviais e estas deslizando em tudo; encantos e recantos, enquanto o céu de Abril toldava-se de nuvens, cúmulos nimbos e estampavam à atmosfera em toda lonjura da troposfera nacional...

Foi obra da honrada mãe Natureza, cujos cordões umbilicais humildemente conjugaram uma extensão terrestre maior do que Luxemburgo e a ex-potência colonial juntas, enquanto o extenso mar nasce das bacias do Zaire, culminando na Baía dos Tigres banhando o deserto.

Porém, o mar não fica por aí, este estende-se em praias azuis, coloridas de areias brancas e transparentes, porção infinita de sal e frutos salgados nos cais.

O Maiombe na margem direita do rio Kongo floresce vida animal e vegetal num mosaico verde impenetrante. Na linha da costa as zonas baixas e arenosas, propícias para frescos mergulhos ao sabor de um tradicional mufete, sem dissipar do marisco de Cabo Ledo.

As ondas da Barra do Dande sempre trazem linguados camuflados nos sedimentos lançados do interior, num vislumbre carismático, as falésias argilosas correm em toda extremidade as vezes ondulando, outras serpenteando e logo depois vê-se o Mussulo! Mas vi primeiro o Ilhéu dos Pássaros; era como uma bruma de cores sazonais que se unia a baía num traço de mar. O farol ali no ponto final fazia um resguardo de luz entre a Avenida e os Musseques.

O caos arquitetónico do velho e o novo, inertes pelo tempo, já não brilham as noites de luar, enlameadas pelo betão do modernismo inundando os búzios e o arquipélago do Cabo, aquele pós paraíso natural que também fazia poesia. Hoje escreve decretos na orla para auferir de um gordo negócio rentável, transformando as zonas de desova em bancos de praia. No seu interior as moradias andam a encavalitar-se, não há intervalo de areia para o muxiluanda e tão pouco para os axiluanda. O virgem Mussulo de que me tinha referido foi descaçado, pilhado, esventrado e por isso o Sol já não ama deleitar-se entre as ramagens

dos seus coqueiros arqueados, franzindo as longas pernas ao mar para consagrá-lo.

Na velha São Paulo de Assunção, as valas comem tudo, dieta de abutres e mesmo assim assiste-se ao nauseabundo odor a cambalear pelas luxuriantes Avenidas e Praças históricas.

Aqueles mangais, na Barra do Kwanza, devem ser fanaticamente adorados para não tosquiarem-lhes aos avessos, como tem sido facto na Angola adentro. Todavia, sacrificam-se milhões de mamíferos, répteis, aves de cantos melódicos e a cobiça da brava madeira serrada em todas direcções nunca ficou alheia aos males que o dióxido de carbono cedo herdará a vindoura geração. O solo em cinzas é a vergonha da ignorância despida e rota. No desenrolar destes nefastos acontecimentos, eu Ministério do Ambiente, ando deambulando ao estilo europeu de camursa, gravata às riscas e solas secas a afastar os micro plásticos que vão e vêm de todos quadrantes da zunga...

Entre nós, alguns ainda descalços, secos como a terra que pisam, com sede e com fome; porque o gado não bebe e também não come e gado é vida de Ovambo. A grama o vento levou, as almas sucumbem às migalhas de arrozais comboiadas de municípios em municípios.

Com efeito, estas alterações não são obras do criador. Mas de uma criatura imperfeita, arrogante, egoísta, muito má e seguida de outros mais adjetivos que lhe serviriam bem como a avareza que ostenta. E é por esses atributos que não perde a fobia para desbravar savanas sazonais, florestas de montanha e um sem escape aos órfãos selvagens. Para tal, desenvolveu uma técnica eficaz, estudando métodos cada vez mais destruidores da Natureza. As vegetações naturais que se rejuveneceram há milhões de anos extinguem-se num estalar de dedos. Isto não é coisa do fim do mundo! Basta olhar para as maquinarias deles que vêm da Singapura ou da Península Koreana, aqueles bichos em aço moldam a harmonia da Natureza em toro, num roncar de afiadas manivelas acionando a ignição.

É um enredo o senão com a Natureza, aliados de um lado, querendo sempre mais terra para o cultivo de alimentos e para a pastorícia, mas que no fim da ceia levam-se toneladas de



EDIÇÕES NOVENBRO



INOCÊNCIO DE OLIVEIRA

sobras aos contentores!

A perda de habitat é um problema severo, não é para resoluções às cegas. É um

enigma de campo, envolto as comunidades, autoridades indígenas e punições herdadas aos infractores. A

lei deve ser acorrentada de vigilância e não de vaidades como fazem as PICAPES...

A nossa terra, a nossa

Angola, precisa urgente da nossa vontade de fazer. É imprescindível conhecer para preservar...

Estreia (Cinemax)

Correio de Alto Risco

Actores: Olga Kurylenko, Gary Oldman, Amit Shah

Direcção: Zackary Adler

Roteiro: Zackary Adler, James Edward Barker

Género: Acção

Sinopse:

Com uma Londres sombria como pano de fundo, Olga Kurylenko é uma mensageira motociclista dura cuja entrega é interrompida quando ela descobre que uma das embalagens que transporta é uma bomba. A bomba de gás pretende matar Nick Murch, a única pessoa capaz de testemunhar em Washington DC contra o implacável senhor do crime Ezekiel Mannings. Enquanto a polícia britânica e o FBI lutam para resolver a confusão, a misteriosa mensageira bem treinada e bem equipada junta-se a Nick para fugir aos homens fortemente armados de Manning e garantir que é feita justiça.



O Caso de Richard Jewell

Actores: Paul Walter Hauser, Sam Rockwell, Kathy Bates

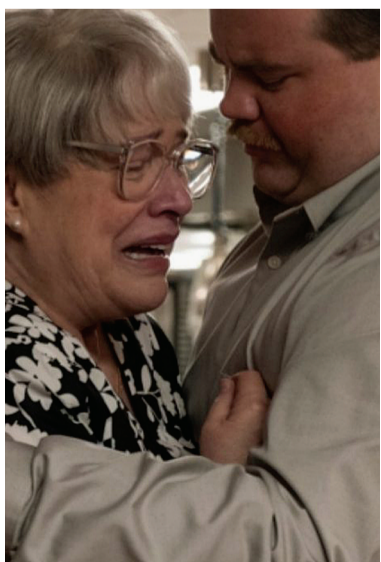
Direcção: Clint Eastwood

Roteiro: Marie Brenner, Billy Ray

Género: Drama

Sinopse:

“Há uma bomba no Parque Centennial. Têm trinta minutos.” Richard Jewell apresenta-se pela primeira vez ao mundo como o segurança que localiza a bomba no atentado de 1996 em Atlanta – uma acção que faz do próprio um herói depois de salvar inúmeras vidas. Mas em apenas poucos dias, Jewell torna-se o suspeito número um do FBI. Difamado pela imprensa e pelo público, a sua vida transforma-se muito rapidamente num pesadelo.



Filmes

Venom (2018)



O jornalista Eddie Brock entra em contacto com um simbiote alienígena e transforma-se em Venom. Este é um dos personagens mais enigmáticos, complexos e intimidadores da Marvel e também um dos mais temíveis vilões, inimigo do Homem-Aranha.

Domingo - 11h50

As Horas de Luz



“As Horas da Luz” retrata os problemas do envelhecimento e da doença. Maria espera por uma operação às cataratas, que quase lhe tiraram a visão. Mas a sua dependência despertará nos vizinhos, e na filha distante, uma oportunidade de reatar laços perdidos.

Domingo - 13h55

Príncipe Bué Encantado (V.P)



A história do Príncipe Filipe, amaldiçoado com um charme irresistível que conquista o coração de todas as donzelas do reino e da sua jornada para quebrar o feitiço. Mas existe pelo menos uma mulher que parece ser imune à maldição.

Domingo - 14h30

Dá e Leva



Um filme baseado na história verídica de um grupo de personal trainers que na década de 90 em Miami, ao perseguir o Sonho Americano acaba envolvido num complicado esquema de extorsão e rapto, que corre terrivelmente mal.

Domingo - 15h25

Mais pequenos



A Patrulha Pata

A aventura e o espírito de missão continuam. Para estes heróis, todos os desafios são importantes e para superar. A coragem e o espírito de equipa estão sempre presentes.

Domingo - 11h00



A Irmã do Meio

No Meio do Presente Perfeito – O Aidan dá um presente especial à Harley e ela fica radiante.

Domingo - 13h15



Nós, os Ursos

Para conseguirem dormir, os ursos ajudam um pássaro irritante a encontrar uma nova companheira.

Domingo - 15h15



Bob, o Construtor

Da construção à escavação, Bob, o construtor e a sua equipa de máquinas estão sempre prontos a enfrentar novos projectos. A medida que vão trabalhando, demonstram o poder do pensamento positivo e do trabalho em equipa para resolver problemas.

Domingo - 17h00



Futebol

Arsenal - Chelsea



Um dos jogos clássicos do futebol inglês acontece hoje na 20ª rodada da Premier League, com o Arsenal a receber o Chelsea. Os dois clubes já se enfrentaram 54 vezes e até agora os resultados são equilibrados com 20 vitórias dos Gunners contra 18 dos Blues, mais 16 empates. O último duelo aconteceu em Janeiro deste ano, também no Emirates Stadium, e o Arsenal superou o Chelsea.

Hora: 15h00

DStv/ Supersport 1

TELENOVELA

“Amor de Mãe”



Capítulo 30

Natália conta a Vitória que expulsou Carolina de casa. Amanda pede ajuda a Marina e conta que precisa fugir. Lurdes sai com Oliveira. Betina sugere que Magno se divorcie de Leila no mesmo dia de sua separação de Vicente. Érica e Raul discutem. Vicente contrata um detetive para investigar o envolvimento de Magno com o sumiço de Genilson.

Capítulo 31

Vitória se desespera com os erros de seu passado e Miranda apoia a irmã. Estela acode Raul, que está embriagado e ferido pela confusão com Sandro. Estela arma para que Raul acredite que os dois dormiram juntos. Carlinhos chega para levar Ryan para seu show e Érica desconfia do agente. Samuel alerta Marina sobre o estado de seu joelho. Nasce o bebê de Verena e Álvaro. Thelma flagra Gabo escondendo armas em seu restaurante.

Capítulo 32

Gabo tenta se explicar para Thelma, que o expulsa do restaurante. Lídia se diverte com Tales. Raul descobre que Sandro dirigia o carro de Vitória quando os dois se envolveram no acidente. Lurdes e Vitória imploram para que Raul não denuncie Sandro à polícia. Vitória confessa a Raul que mentiu sobre o filho dos dois.

Capítulo 33

Érica e Magno alertam Ryan sobre Carlinhos. Thelma conta para Durval sobre o fim do namoro com Gabo. Amanda comanda um ataque ao sistema da PWA e Álvaro se descontrola. Belizário confronta Davi e ameaça a vida de Amanda. Amanda proíbe Cássia e Guará de revelarem seu paradeiro a Davi.

Capítulo 34

Érica teme a reacção de Lurdes ao descobrir sobre a origem de Sandro. Miguel exige que Davi se proteja dos agressores de Amanda. Sandro declara sua gratidão por ser filho de Lurdes e Érica se preocupa. Magno e Vicente se agridem, e um vizinho regista. Thelma ajuda Gabo a fugir da polícia.

Capítulo 35

Ryan se preocupa com as injeções que Marina aplica no joelho. Davi e Amanda terminam o relacionamento. As receitas culinárias de Danilo fazem sucesso. Belizário propõe um plano a Álvaro para fechar o restaurante de Thelma. Marina é operada e Matias diz que a atleta pode não voltar às quadras.

Espectáculos

Luanda Semba Festival



O primeiro Festival Internacional de Ritmos Africanos em Angola vai realizar-se entre os dias 27 de Dezembro e 5 de Janeiro, com muitas festas e os melhores seminários sobre o semba. Entre os programas agendados destacam-se concertos com os melhores cantores, Sunsets com festas de piscina e conferências, com os melhores professores e DJ nacionais e internacionais de kizomba, semba, danças tribais, afro house e kuduro. Bailarinos nacionais e internacionais, como Mestre Pitchu, Cazuzza, Dino da Cruz, Dasmara e Lolanda, Bonifácio Aurio, Tânia Mendonça, Carlos Camba, Pawel e Marly, Puto Catete, Apolo 3D, Osvaldo Lima, N-py da Baila, Paulo Isidoro, Gabriel Cabinda, Jamaica, Tukinas, Black Dance, Jone Joao e Nelinha Gongga, Pires Kizomba, estão entre os convidados.

**Até 5 de Janeiro,
vários locais de Luanda**

Especial Tarde de Roots Reggae

A Associação dos Amigos do Reggae de Angola (NARA) e o programa radiofónico Ngola Roots National, da Rádio Escola, 88.5, realizam mais uma vez o especial Fim-de-Ano com música Reggae. Trovadores, poetas e artistas rastafári vão animar as actividades no pátio do Cefojor. A música estará a cargo dos selectos Billy Pitó, Rassassa e Mona Mbote.

**Cefojor, hoje,
a partir das 12h00**



Festas de Bairro e Bares de Rua

Numa época de contenção financeira, promotores e casas sem grande capacidade de divulgação e que não entram na pauta dos órgãos de comunicação também têm propostas para o reveillon, como a Bar 8 e o AP Santana. Na maioria dos distritos da capital, estes agentes prometem agitar a passagem para 2020, num ano em que o apelo à solidariedade dado pelo Presidente da República leva a optar por festas de contribuição e não de ostentação. Outra opção são os chamados Bares de Rua, fenómeno que tem conquistado o público nestes anos de crise. Impulsionado por jovens empreendedores, muitos ex-funcionários de casas nocturnas do centro da cidade que perderam o emprego, estes locais têm contado com alguns artistas de referência.

**Vários espaços de Luanda,
dia 31, a partir das 22h00**

Festas de Fim-de-Ano

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO



**REVEILLON DO PIKANTE
E FARRA DE QUINTAL ANOS 70, 80 E 90**
* Com os músicos do Pikante e Impactus 4 Rua do Café Negro, Nova Vida

REVEILLON DOURADO CHÁ DE CAXINDE
* Com Kyaku Kyadaff

REVEILLON MUXIMANGOLA

* Robertinho, Lulas da Paixão e Dom Caetano com o suporte instrumental dos Jovens do Prenda

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



REVEILLON CASA DA MÚSICA DO TALATONA
* Música ao vivo com Yuri da Cunha

UNIQUE REVEILLON TERMINAL MARÍTIMO DO PORTO DE LUANDA

* Uma noite de glamour com actuações ao vivo de: Gilmário Vemba, Pérola, Filho do Zua e Jonhy Ramos

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



REVEILLON DREAMLAND RESTINGA ALPEGA BEACH CLUB (AV. MASSANO DE AMORIM LUANDA)

* Actuações ao vivo de Eduardo Paim, Anna Joyce e Rui Orlando com os Djs Hélio Baiano, Malvado Jr, Nilson, Pzeeboy, Nelasta, Darcy e Niboy

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

